

A QUESTÃO DA MULHER NA REPRODUÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO

Elisabeth Souza LÔBO*

RESUMO: Análise da relação entre a reprodução da força de trabalho e os papéis sexuais. O eixo do estudo se desloca do papel da mulher como reprodutora na esfera econômica para o seu papel na reprodução social.

UNITERMOS: Reprodução; força de trabalho; mulheres e trabalho doméstico; relações sociais de produção; papéis sexuais.

Analisar a questão da mulher na reprodução da força de trabalho supõe explicitar as conexões existentes entre as relações sociais de produção e reprodução e os papéis sexuais. É exatamente ao papel social que desempenham as mulheres enquanto sexo, na sociedade capitalista que remonta a natureza específica de sua subordinação. (11)

Em primeiro lugar, as mulheres estão definidas por sua função reprodutora natural, estendida e identificada à função de reprodutora social que ela exerce através do trabalho doméstico, a qual está indissoluvelmente ligada.

A extensão da função biológica de reprodução à função social de reposição/reprodução da força de trabalho se dá por um processo de transposição de caráter *natural* da função biológica à função doméstica.

As mulheres foram obrigadas no curso de uma primeira etapa do desenvolvimento capitalista a assumir certas tarefas, valorizadas no conceito do papel de esposas. Realizou-se uma "leitura biológica" da mulher, sem fundamentos, na medida em que se "a fundação da mulher pre-

destinou-a a pôr filhos no mundo, não a predestina a efetuar uma produção doméstica invisível". (9:15)

Dá-se pois uma assimilação das duas funções — aquela que é efetivamente natural e aquela que é uma atribuição social, — como se ambas fossem igualmente "naturais".

Este processo se realiza numa primeira instância através da família. Sobre isto diz Meillassoux: "a comunidade doméstica é o único sistema econômico e social que regula a reprodução física dos indivíduos, a reprodução dos produtores e a reprodução social sob todas suas formas, através de um conjunto de instituições, dominando a reprodução pela mobilização ordenada dos meios de reprodução humanos, isto é, a mulher". (8: 15).

Não se trata aqui de considerar a produção doméstica como autônoma e configuradora de um modo de produção diferenciado, mas de inseri-la no quadro do sistema de produção/reprodução capitalista.

Interessa-nos pôr em evidência que dentro do espaço familiar a mulher cumpre uma função reprodutora. Ela realiza:

* Professora Assistente-Doutora do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas — Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação — UNESP — 17500 — Marília — SP — Brasil.

- 1 / a reprodução biológica da força de trabalho;
- 2 / a reprodução/reposição da força de trabalho;
- 3 / a reprodução das relações sociais.

Cada uma dessas funções na medida da sua incidência na organização da sociedade se vê regulamentada pelos objetivos e interesses da sociedade e do Estado.

Neste sentido, as formas e a natureza particular da articulação Estado-sociedade determinam as formas de intervenção do Estado nos padrões familiares, na capacidade reprodutora das mulheres através de políticas de planejamento familiar, da legislação, da política sexual.

Os interesses que movem as políticas de planejamento familiar estão relacionados com os padrões de acumulação vigentes. Com razão, diz Foucault: “O corpo só se torna uma força útil, quando é, ao mesmo tempo, corpo produtivo e corpo submetido.” (4 : 31)

As crises do sistema capitalista ou seus períodos de expansão, a situação do mercado de trabalho são fatores que se traduzem em medidas de estímulo ou destímulo à natalidade. A natureza do Estado, suas relações com a sociedade civil, fundamentam sua forma de intervenção: através de estímulos indiretos ou através de métodos impositivos de planejamento familiar, aplicadas à revelia das principais preocupações — como no caso do projeto de planejamento familiar que o governo brasileiro pretende hoje implantar.

Reprodução/reposição da força de trabalho e trabalho doméstico.

A transposição do caráter natural da função de reprodução biológica à função de reprodução social supõe, por seu turno a “naturalidade da função doméstica” das mulheres.

A família torna-se, pois, o espaço privilegiado da reprodução/reposição da

força de trabalho, processo que se realiza principalmente sob a base do trabalho doméstico das mulheres. “A ruptura entre as duas esferas de produção: a produção privada para o uso doméstico e a produção social se cristaliza na família. E o destino da mulher será não somente se especializar na produção doméstica, mas fazê-lo no interior da família, lugar da vida privada que pouco a pouco se recorta como uma esfera separada da vida pública.” (1 : 4)

Assim o custo da reprodução do trabalho é calculado tomando como certa a contribuição invisível, não remunerada das mulheres na forma do trabalho doméstico. (11: 38)

Na relação doméstico-familiar a mulher não vende sua força de trabalho por um salário, aliena sua pessoa. Isto implica:

- a) na apropriação de seu tempo;
- b) na apropriação de seu corpo;
- c) na obrigação sexual;
- d) no encargo dos enfermos e inválidos;
- e) no cuidado das crianças e dos membros do sexo masculino. (5: 10)

O trabalho doméstico não cria riqueza, sua função é exatamente contribuir para a reprodução da força de trabalho permitindo ao capital reduzir os custos desta reprodução, ou seja os custos relacionados com a educação, equipamentos coletivos e serviços em geral.

No entanto, a própria dinâmica contraditória do sistema capitalista termina por jogar a mulher fora do espaço doméstico e a força de trabalho feminina passa a participar da produção de mercadorias ou da prestação de serviços.

Mas a principalidade do papel/reprodutor/doméstico da mulher permanece e se manifesta através de vários fatores:

1. A desigualdade da participação da mulher no mercado de trabalho;
 2. O caráter complementar do salário feminino, sua desvalorização em relação ao salário masculino. Segundo dados do DIEESE, em São Paulo, a média salarial dos operários metalúrgicos é 73% superior a das mulheres operárias. (3)
 3. A forte presença do trabalho das mulheres na agricultura de subsistência, o que significa a extensão de sua participação na reprodução da força de trabalho, no barateamento dos custos de subsistência, e a extensão da apropriação do trabalho das mulheres no espaço familiar. (6: 19)
 4. A predominância do trabalho das mulheres nos serviços e particularmente nos serviços domésticos-não produtivos, onde mais uma vez se verifica a identificação das mulheres com a reprodução/reposição da força de trabalho.
 5. A desqualificação profissional generaliza uma situação de subordinação no processo de trabalho. As chefias são quase sempre masculinas, mesmo nas fábricas onde a força de trabalho é majoritariamente feminina.
 6. A posição subordinada no processo de trabalho cria as condições ótimas para que se reproduza na fábrica o modelo de comportamento doméstico: subordinação face às chefias, discriminação e violência sexual, fato apontado na Resolução do Primeiro Congresso da Mulher Metalúrgica de São Paulo.
 7. A discriminação da mulher nas diversas instâncias da esfera pública: vida política, vida sindical. A ela são reservados os movimentos próximos do seu espaço privado e de sua atividade reprodutora/repositora da força de trabalho.
 8. Finalmente, mas não menos importante, a dupla jornada de trabalho, fardo quotidiano das mulheres trabalhadoras, reafirma a principalidade do trabalho doméstico.
- O caráter dominante do papel de reprodutora é explicativo de questões tais como:
1. A visão de mundo da mulher sofre a determinação básica de sua inserção no mundo doméstico. A representação ideológica desta condição se faz através das imagens da mulher-mãe, da “rainha do lar”.
 2. A integração à esfera da produção de mercadorias introduz um distanciamento entre a imagem com a qual a mulher se identifica e a realidade do mundo social-público. No entanto, na medida em que a principalidade do papel doméstico de reprodutora não é questionado e que a condição doméstica se reproduz, se reproduzem também os valores e comportamentos correspondentes à identidade natural doméstica. Mas esta não é a única determinação que incide sobre as mulheres.
- “A contradição que aparece de maneira evidente no capitalismo entre família e indústria, privado e público, pessoal e impessoal é na consciência das mulheres a fissura que abre o espaço para a revolta.” (10 : 22)
- A função doméstica é, pois, uma das faces da função reprodutora e, portanto, um dos aspectos da opressão feminina. Mas, “mesmo se a divisão doméstica do trabalho fosse redefinida, não eliminaria a própria fonte da subordinação das mulheres que é a propriedade privada de sua sexualidade pelos homens, no casamento e na família, como estabelecida pelo sistema de reprodução social vigente na sociedade de classes.” (11 : 49)
- Reprodução da força de trabalho, reprodução das classes e reprodução da dominação.*

A questão da reprodução se coloca num terceiro nível de problematização: a articulação da reprodução material e da reprodução social.

Simplificando posições, nos deparamos com duas vertentes:

Na *primeira*, a “reprodução é a produção renovada da relação entre o capital e o trabalho, entre o capitalista e o operário.” (7 : 422) A reprodução seria assim a extensão do domínio da mercadoria.

Numa outra ótica, se estabelece uma separação entre esfera da reprodução social, incluindo-se nesta última a escola, a família, a polícia, a prisão e a esfera da produção de mercadorias. As duas esferas funcionam paralelamente sem se articularem. (2 : 124)

Consideremos que as formas históricas das instituições que reproduzem a sociedade capitalista se modificam, às vezes até mesmo deixam de existir. Isto acontece com a escola, a família, a democracia parlamentar, a previdência social. A compreensão destas formas não é deduzível de si próprias, nem da instância econômica. “O caráter contraditório e caótico que a história apresenta é o resultado da aparição, do desenvolvimento, do modo de articulação de todos estes espaços de socialização.” (2:126)

Nossa preocupação é pensar a relação entre a esfera da produção e a esfera da reprodução social, que se dá também através da família, e que marca a natureza e o papel de cada família. Assim, a função da reprodução social é investida de um conteúdo, enquanto ela reproduz relações de classe.

Cada mulher adquire na sua família de origem as práticas educativas e as técnicas de trabalho doméstico, bem como os conteúdos ideológicos. Assim, a relação com o trabalho doméstico da dona de

casa que determina o trabalho de sua(s) empregada(s) não é a mesma que de uma mulher que as realiza.

Reproduzem-se as condições de classe e reproduzem-se as condições de dominação. Por outro lado o quadro doméstico tende a desenvolver um controle direto sobre os indivíduos através da organização social do espaço e através de sua privatização. Desta forma ela favorece a viabilização de formas de controle assumidas pelo próprio indivíduo. E se o espaço próprio da mulher é o espaço doméstico privado, ela vai assumir mais marcadamente a tarefa de sua reprodução com todas as suas implicações, inclusive a mais contraditória que é a reprodução de sua opressão.

Assim, a prática material e ideológica da família reproduz os papéis sexuais e os papéis sociais. No caso da mulher, seu papel social, construído através de uma “leitura biológica”, aliena-a da função reprodutora biológica e social. Mesmo quando convertida em trabalhadora, dela se exige que continue sendo antes de tudo doméstica, consoladora e fantasma sexual. As atribuições da função reprodutora estão em estado puro na empregada doméstica. Nela é evidente que o processo da reprodução biológica é autônomo e que o processo de reprodução/reposição é também um mecanismo para reproduzir a estrutura social.

As atribuições da função reprodutora significam manter o corpo e a afetividade, alienar-se no outro para que o outro sobreviva, colocar sua razão de ser no exterior de si própria para assegurar o funcionamento da estrutura familiar e por conseguinte da estrutura social. Esta é a “missão” da qual nos incumbiram nossas avós, nossas mães, a literatura, os mídia, a escola, a religião, a moralidade pública. Por isso a liberação das mulheres passa pela arqueologia deste papel de reproduzoras que se nos foi colado à pele.

LÓBO, Elisabeth Souza. — The woman question in the work power reproduction. *Perspectivas*, São Paulo, 4, 43-47, 1981.

ABSTRACT: Analysis of the relationship between the work power reproduction and the sexual roles. The forms of the analysis passes from the woman as reproducer in the economic sphere to her role in the social reproduction.

KEY-WORDS: Reproduction; work power; woman; housework; social relationship of production; sexual roles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ARTOUS, A. — Système capitaliste et oppression des femmes. *Critique Communiste*, Paris (20/21): 3-79, dec./jan., 1977/1978.
- 2 BOURGEOIS, F. et alii. — Travail domestique et famille du capitalisme. *Critiques de l'Economie Politique*, Paris, 3: 3-23, avr./juin, 1978.
- 3 CONGRESSO DA MULHER METALÚRGICA, 1.º, São Paulo, 1979. Resoluções.
- 4 FOUCAULT, M. — *Surveiller et punir*. Paris, Gallimard, 1974.
- 5 GUILLAUMIN, C. — Pratique du pouvoir et idée de nature, l'appropriation des femmes. *Questions Féministes*, Paris, 2: 10 fev., 1978.
- 6 MADEIRA, F. & SINGER, P. — Estrutura do emprego e trabalho feminino no Brasil — 1920-1970. *Cadernos CEBRAP*, São Paulo (13): 19, 1975.
- 7 MARX, K. — *Fondements de la critique de l'économie politique*. Paris, Anthropos, 1939. t. I.
- 8 MEILLASSOUX, C. — *Femmes, greniers & capitaux*. Paris, Maspéro, 1977.
- 9 MICHEL, A. — *Les femmes dans la société moderne*. Paris, PUF, 1976.
- 10 ROWBOTHAM, S. — *Conscience des femmes, monde del'homme*. Paris, Des Femmes, 1976.
- 11 STOLCKE, V. — Mulheres e trabalho. *Estudos CEBRAP*, São Paulo, 1980.